



Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido
(Organizadores)

OLHARES SOBRE O MUNDO



LIÇÕES DO CAFÉ FILOSÓFICO DO
INSTITUTO CIÊNCIA E FÉ PUCPR



Prefácio de
Olgária Matos




PUCPRESS

Curitiba
2020



Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido
(Organizadores)

OLHARES SOBRE O MUNDO



LIÇÕES DO CAFÉ FILOSÓFICO DO
INSTITUTO CIÊNCIA E FÉ PUCPR



Prefácio de
Olgária Matos




PUCPRESS

Curitiba
2020

© 2020, Fabiano Incerti e Douglas Borges Candido
2020, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora. As opiniões, hipóteses, conclusões ou recomendações emitidas neste material são de responsabilidade dos entrevistados.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-reitor de Missão, Identidade e Extensão

Ir. Rogério Renato Mateucci

Diretor do Instituto Ciência e Fé

Fabiano Incerti

Gerente de Identidade Institucional

José André de Azevedo

Curadoria da Coleção

Fabiano Incerti

Douglas Borges Candido

Revisão Técnica

Douglas Borges Candido

Fabiano Incerti

PUCPRESS

Coordenação

Michele Marcos de Oliveira

Edição

Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte

Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto

Juliana Almeida Colpani Ferezin

Revisão

Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa

Indianara de Barros

Projeto gráfico

Rafael Matta Carnasciali

Diagramação

Rafael Matta Carnasciali

Impressão

Imagens de capa e miolo

Montagens a partir das imagens

AdobeStock_96463159

AdobeStock_297535924

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701 | pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas — SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Pamela Travassos de Freitas — CRB 9/1960

045
2020

Olhares sobre o mundo : lições do café filosófico do Instituto Ciência e Fé
PUCPR / Fabiano Incerti, Douglas Borges Candido (organizadores). –
Curitiba : PUCPRESS, 2020.
132 p. ; 21 cm

Inclui bibliografias

ISBN 978-65-87802-06-0

ISBN 978-65-87802-05-3 (E-book)

1. Filosofia. 2. Diálogo. 3. Integração social. 4. Liberdade de consciência.
5. Memória (Filosofia). 6. Perdão - Filosofia. 7. Pontifícia Universidade Católica
do Paraná. 8. Representações sociais. I. Incerti, Fabiano. II. Candido, Douglas
Borges. III. Título.

20-041

CDD 20. ed. – 100

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Prefácio | 5 |
| Convite a um café Fabiano Incerti | 11 |
| As imagens do intolerável Peter Pál Pelbart | 17 |
| A intolerância ou a tragédia do não diálogo Eugênio Bucci | 35 |
| Esquecimento, anistia e perdão Jeanne Marie Gagnebin | 57 |
| Políticas do perdão: entre a memória e o esquecimento Fabiano Incerti | 81 |
| O perdão sob o ponto de vista da filosofia das “vontades de poder” Oswaldo Giacoia Junior | 87 |
| A reinvenção da virtude: urgência de nosso tempo Jelson Oliveira | 103 |
| Democracia versus república: inclusão e desejo nas lutas sociais Renato Janine Ribeiro | 111 |
| Sobre os autores | 129 |



PREFÁCIO

Olhares sobre o mundo: lições do Café Filosófico do Instituto Ciência e Fé PUCPR reúne ensaios de autores consagrados com respeito às problemáticas relações entre História, Memória, Política e Justiça na sociedade da comunicação e da informação, cujo eixo é a aceleração do tempo e a inflação de imagens e narrativas, que fazem vacilar o princípio de realidade, comprometendo a Memória – que procede subjetivamente do passado ao presente – e a História – que transita do presente ao passado, publicamente.

Nosso tempo, sujeito assim a “efeitos de memória”, a mecanismos sociais de construção do atual, à história cultural, encontra neste livro um convite a refletir sobre o ideário da cidadania substituído pelo das identidades – étnicas, raciais, sexuais, religiosas. Neste âmbito, os estudos que o compõe evocam as origens das tensões sociais que resultam hoje no “dever de memória” e em uma pós-memória, que trazem as ressurgências do passado; e por que o passado sempre pode desaparecer, quando se esmaecem acontecimentos marcantes da vida individual e coletiva, deles restam fragmentos, rastros

ou ruínas, persistências da recordação. “Imagens sobreviventes”, há acontecimentos do passado que não chegam até nós, só permanecendo dos sofrimentos da vida individual e social, uma “câmara escura”. Esta constitui uma “reserva de memória” que um dia se revela. Memória e verdade, esquecimento e ignorância significam o esquecimento do esquecimento, como também a ignorância da ignorância.

Há, porém, os abusos da memória, como no conto “Funes, o memorioso” de Borges, a exce-dência do lembrar como obstáculo à faculdade de imaginar, de pensar e de julgar, pois ela representa uma saturação de lembranças, o que o impede de dormir, pois, para isso, é preciso esquecer o peso do mundo e sonhar. Mas este sono pode ser um “pesadelar”, como nas análises dos sonhos em Auschwitz, “memórias do subsolo”, do trauma como memória do intolerável de um passado que não passa, quando, no presente, se embaralha e se apaga “o que resta de Auschwitz”. Aqui, o sintoma substitui o que foi esquecido, o sono trazendo de volta o que desapareceu, os espectros dos antepassados que animam o inanimado. Assim, “Shoah” de Claude Lanzmann é um filme paradigmático que se detém no sentido do que ele não mostra – não há escombros, nem corpos sem sepultura, nem fotografias, tampouco a ferocidade da tortura e do extermínio –, com o que o visível que não mostra traz consigo a sobreposição entre o passado e o atual. O filme que revela sem mostrar constitui um imperativo ético da responsabilidade de fazer ver o não visível.

Olhares sobre o mundo nos mostra haver diferentes formas de lembrar e de esquecer. Paradoxo essencial, se, para viver, é preciso perdoar, o perdão não significa o esquecimento, mas converter o Mal do passado em narração, para transmitir uma história que requer sempre a “paciência do tempo”, até que o presente a assimile e possa acolher do passado uma sobrevida, sobrevida transformada pelas gerações seguintes, através do que lhes foi contado. Transformação da recepção do que passou, pode, assim, ser resiliência ou ressentimento. Neste, o impossível luto se faz automartirização, com a qual nada se aprende. Já a História é a possibilidade de compreensão que concorre para a de nosso próprio tempo, em uma articulação da memória singular e intransferível com a questão pública dos valores comuns compartilhados. Através de arquivos, documentos escritos, mas também de testemunhos, interroga-se os mecanismos sociais das representações coletivas, a questão de quando uma memória se torna história de todos, e a necessidade do trabalho do tempo. Tais questões manifestam um novo modo de apreensão das circunstâncias sociais, que requerem instituições que se dediquem a circunscrever os problemas e prevenir que um Mal do passado não se repita. O que representa uma nova relação com o esquecimento, e a constituição daquele que sofreu uma injustiça como vítima; assim o sofrimento individual vem ampliar o campo político.

O “dever de memória” e sua eficácia se ligam a mobilizações coletivas, a ações humanitárias, a partir de uma lógica do compadecimento, dessa tristeza mimética com o sofrimento do

Outro que faz dele um Outro nós-mesmos. Neste sentido, o sofrimento do presente projeta-se para o passado, de que o Nazismo é o paradigma a partir do qual se elaborou o crime imprescritível. Neste sentido, políticas de reparação individual constituem uma maneira de tornar suportável o sofrimento do que passou; e sua abrangência é tanto maior quanto todos são de agora em diante informados pela cultura de massa que enfatiza os movimentos sociais que, por sua vez, impulsionam a elaboração de um patrimônio das lutas que decorrem de percursos de indivíduos marcados pela dor das guerras, das imigrações forçadas, da tortura, do racismo. Por isso, elaborar uma história das Leis é também reaver uma narrativa do passado e do presente, no registro do reconhecimento e não no da culpa. Por isso, quando se trata da Comissão da Verdade a respeito da Ditadura dos anos 1960 no Brasil, mas também sobre a África do Sul, coloca-se em primeiro plano o problema do perdão, da anistia e da reconciliação.

Tudo, porém, acontece em uma modernidade na qual a “ética” é indolor, em que a aceleração das mudanças nos modos de vida, valores, comportamentos e instituições inviabilizam formar e reconhecer valores. Eis então a urgência de voltar às questões primeiras, as da virtude, do bem-agir e do bem-viver, da temperança, do perdão. Questão das mais complexas, uma vez que as novas tecnologias, em particular as digitais, embaralham o mundo em imagens que, por sua saturação, perturbam o pensamento e a ação. Mundo das “tirânicas da visibilidade”, se, por um lado, todos podem tomar a palavra; por outro,

disseminam-se preconceitos e opiniões em que a verdade, por mais difícil de ser encontrada, não conta mais. E, também, tudo dizer e tudo mostrar manifestam o desaparecimento da timidez e do pudor em suas consequências políticas, uma questão que compromete os laços sociais pelo enfrentamento direto entre pessoas sem a mediação de normas e construções simbólicas. Esgotamento das democracias, descrença na Lei, na Justiça, na Educação, na Igreja, na Família, trata-se, neste ensaio, de interrogar a natureza do contemporâneo e suas aporias, a intolerância, seu aumento e perpetuação. De onde a importância dos fundamentos da ação moral e coletiva, para contrarrestar o que Freud denominou “epidemias psíquicas”.

Publicação fundamental, este livro nos mostra que o trabalho da memória e da política é sempre incompleto e, por isso, a História pode ser também promessa e futuro, espera e esperança.

Olgária Matos

Filósofa e professora titular da Universidade de São Paulo (USP).



CONVITE A UM CAFÉ

O café é tão grave, tão exclusivista, tão definitivo que não admite acompanhamento sólido. Mas eu o driblo, saboreando, junto com ele, o cheiro das torradas-na-manteiga que alguém pediu na mesa próxima.

Mário Quintana

Café e filosofia combinam. Ambos, se consumidos com “moderação” – talvez isso valha menos para o segundo caso –, aumentam significativamente a qualidade de vida. É verdade que, para isso acontecer, os dois exigem um “certificado de procedência”. Um café ruim é tão indigesto quanto uma filosofia malfeita. Com diferentes preparos, dos mais clássicos aos mais sofisticados, eles atendem a diferentes desejos. Existem aqueles que preferem algo simples e forte, perfeito para um paladar acostumado com coisas mais “amargas”. Outros optam por mais adereço e adocicado. São pessoas que alteram o sabor original, talvez em nome de um prazer momentâneo. Ambas as perspectivas, embora contrárias, são legítimas; dependem sempre do gosto individual.

Café e filosofia têm algo de sagrado; eles exigem certa “liturgia”. Os grãos, como as páginas

dos livros, requerem sabedoria para a descoberta daquilo que está maduro e daquilo que ainda deve permanecer, por mais um tempo, esperando a colheita. São os enigmas da natureza e os enigmas da razão. De maneira alguma, tais enigmas devem ser desprezados. Eles são sinais de que o *desvelamento* dá-se somente com cuidado e com boa dose de paciência. Quando enfim reunidos, os frutos do cafeeiro e os frutos do entendimento celebram a vida em suas diferentes formas: encontros e desencontros, amizades e solidões, consensos e dissensos. Na França dos anos 1960 e 1970, tal junção foi símbolo também de uma “filosofia engajada”. Talvez Sartre tivesse algo a dizer sobre isso no *Café de Flore*, em Paris.

A lenda mais difundida da origem do café conta que os grãos precisaram ser queimados para que o agradável aroma pudesse ser liberado dos frutos. Quiçá, o mesmo aconteça com a filosofia. Ela necessita ser colocada na “fogueira” do julgamento crítico, ser posta à prova por seus opositores, ser devastada em suas fraquezas e incoerências, para que aos poucos seja reconstruída. Somente depois disso, ela é capaz de exalar seus perfumes, que geralmente encantam duradouramente aqueles que se deixam seduzir por ela.

Assim como ocorre com a ciência, a filosofia entende que, logo após uma nova teoria ser esboçada, ela será igualmente seguida e desafiada. Nesse sentido, seu DNA impressiona: prevê, no decorrer dos decênios e dos séculos, incontáveis releituras e ressignificações.

Conheço alguém que comprou uma máquina de café. Para ele, é inconcebível fazer uma coisa

SOBRE OS AUTORES

EUGÊNIO BUCCI

Professor titular da Escola de Comunicação e Artes da USP. Foi diretor de redação das revistas *Superinteressante* (1994 a 1998) e *Quatro Rodas* (1998 a 1999). Foi presidente da Radiobrás (de 2003 a 2007). Autor de livros e ensaios sobre jornalismo e comunicação, dentre eles: *Sobre ética e imprensa*; *O estado de Narciso: a comunicação pública a serviço da vaidade particular* e *A imprensa e o dever da liberdade*.

FABIANO INCERTI

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR e diretor do Instituto Ciência e Fé da PUCPR. Autor de vários artigos, capítulos de livros e organizador de expressivas obras filosóficas, dentre elas: *À escuta do infinito: estamos mais perto de Deus?* (com Marcelo Gleiser e Gianfranco Ravasi); *Pactos emocionais: reflexões em torno da moral, da ética e da deontologia* (com Michel Maffesoli); e *A morte como instante de vida* (com Scarlett Marton). Além disso, organizou os *Cadernos Ciência e Fé* do ICF PUCPR.

JEANNE MARIE GAGNEBIN

Professora titular de Filosofia na PUC-SP e livre-docente de Teoria Literária na Unicamp. Atua em temas como Escola de Frankfurt, em particular Walter Benjamin, e questões teóricas da História. Autora de vários livros e artigos, dentre eles: *História e narração em Walter Benjamin*; *Lembrar, escrever, esquecer e Walter Benjamin: os cacos da história*.

JELSON OLIVEIRA

Coordenador e professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR. Autor de vários artigos e livros, dentre os quais está a obra *Compreender Hans Jonas* e a Coleção Sabedoria Prática, que conta com três volumes: *Sabedoria Prática*, *Filosofia da Viagem* e *Elogio à Simplicidade*.

OSWALDO GIACOIA JUNIOR

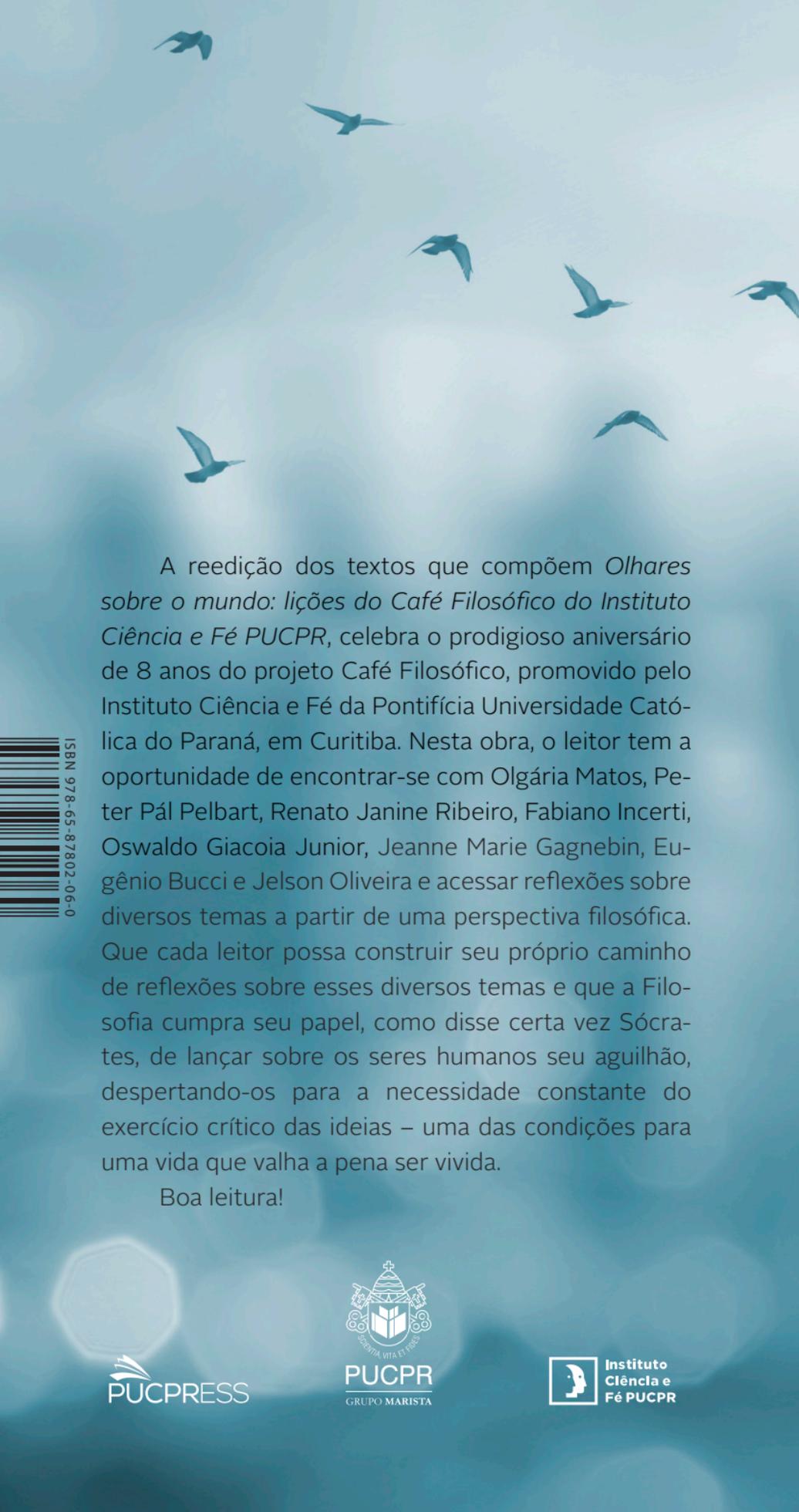
Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unicamp e da PUCPR. Autor de vários livros, capítulos e artigos sobre Nietzsche, Schopenhauer e Freud, dentre eles: *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*; *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar* e *Nietzsche como psicólogo*.

PETER PÁL PELBART

Professor titular de Filosofia na PUC-SP. Escreveu principalmente sobre loucura, tempo, subjetividade e biopolítica. Autor de vários livros e artigos, é também tradutor de várias obras de Gilles Deleuze. Dentre suas obras estão: *Vida capital: ensaios de biopolítica*; *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento* e *Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. Também é membro da Cia. Teatral Ueinzz e coeditor da n-1 edições.

RENATO JANINE RIBEIRO

Professor titular de Ética e Filosofia Política na USP. Autor de vários artigos e livros, organizou também uma série de 12 programas sobre ética para a TV Futura, depois exibidos na Globo. Dentre seus livros estão: *A pátria educadora em colapso*; *A boa política: ensaios sobre a democracia na era da internet* e *Ao leitor sem medo: Hobbes escrevendo contra o seu tempo*.



A reedição dos textos que compõem *Olhares sobre o mundo: lições do Café Filosófico do Instituto Ciência e Fé PUCPR*, celebra o prodigioso aniversário de 8 anos do projeto Café Filosófico, promovido pelo Instituto Ciência e Fé da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Curitiba. Nesta obra, o leitor tem a oportunidade de encontrar-se com Olgária Matos, Peter Pál Pelbart, Renato Janine Ribeiro, Fabiano Incerti, Oswaldo Giacoia Junior, Jeanne Marie Gagnebin, Eugênio Bucci e Jelson Oliveira e acessar reflexões sobre diversos temas a partir de uma perspectiva filosófica. Que cada leitor possa construir seu próprio caminho de reflexões sobre esses diversos temas e que a Filosofia cumpra seu papel, como disse certa vez Sócrates, de lançar sobre os seres humanos seu agulhão, despertando-os para a necessidade constante do exercício crítico das ideias – uma das condições para uma vida que valha a pena ser vivida.

Boa leitura!

ISBN 978-65-87802-06-0



PUCPRESS



PUCPR
GRUPO MARISTA



Instituto
Ciência e
Fé PUCPR